

FRASEOLOGISMOSE CULTURA*

IDIOMATICNESS AND CULTURE

RENÉ G. STREHLER**

RESUMO: Um levantamento quantitativo mostra que, entre os fraseologismos portugueses, predominam largamente substantivos que designam partes do corpo humano ou verbos de estado (ou assimilável). Os substantivos frequentemente são empregados no seu sentido usual, mas, entre os traços semânticos, podem predominar os traços aferentes e/ou inerentes na ocasião de uma atualização. Esse fato é significativo, pois reflete um comportamento cultural da comunidade linguística.

Palavras-chave: fraseologia; semântica; cultura.

RÉSUMÉ: Un relevé quantitatif montre que parmi les phraséologismes en portugais prédominent clairement des substantifs désignant des parties du corps ou des verbes d'état (ou assimilables). Les substantifs sont souvent employés dans leur sens usuel, mais, parmi les traits sémantiques, peuvent prédominer ceux qui sont afférents et/ou inhérents, lors d'une actualisation. Ce fait est significatif, car il est le reflet d'un comportement culturel de la part de la communauté linguistique.

Mots-clés: phraséologie; sémantique; culture.

INTRODUÇÃO

Entende-se, no presente artigo, sob a designação de fraseologismo conjuntos lexicais consagrados pelo uso numa comunidade linguística. No que concerne à forma, essa definição corresponde a uma realidade linguística bastante vasta, indo, por exemplo, das locuções prepositivas aos provérbios. Esses últimos têm valor de texto, isto é, não precisam, numa atualização eventual, de nenhuma adaptação ao discurso. Já os fraseologismos comumente chamados idiomatismos ou colocações são ajustados ao contexto discursivo. Os dois exemplos seguintes ilustram a diferença: o provérbio *boi sonso é que arromba cerca* não precisa de ajustes para ser atualizado; já, no caso de *vestir o pijama de madeira*, um falante deve informar o sujeito de “vestir” e empregar o tempo verbal apropriado. O presente trabalho se baseia num *corpus* constituído essencialmente a partir dos dicionários

* Agradeço ao professor Gilberto Antunes Chauvet pelas observações enriquecedoras feitas a propósito do presente trabalho.

** UnB, Brasília (DF), Brasil, <renestre@unb.br>.

Aurélio e *Michaelis* (cf. FERREIRA, 1986, e WEISZFLOG, 1998). Ele abranje 9 mil fraseologismos, que, numa classificação formal, podem ser divididos em *expressões* (6.706 ocorrências), *sintagmas* (1.989 ocorrências), *locuções* (231) e *construções gramaticais* (74). O termo “expressão” se aplica a fraseologismos que contêm um verbo a ser ajustado ao discurso no caso de uma atualização. Critérios semânticos possibilitariam uma subcategorização em *colocações*, que permitem uma interpretação literal (andar + a + zorros = *andar a zorros*), e *idiomatismos*, cujo sentido literal não corresponde ao sentido fraseológico (bater + as + botas não corresponde a /bater as botas/, mas a /morrer/). Os “sintagmas” se distinguem das expressões pela ausência de verbo a ser atualizado; num plano discursivo eles podem ter valor de advérbio (*a cântaros* = /torrencialmente/), de qualificativo (*adiantado em anos* = /velho/) e também de nominal (*advogado de porta de xadrez*). Uma subcategorização em colocações e idiomatismos seria igualmente possível, no entanto é de pouca utilidade na perspectiva aqui adotada. As chamadas “locuções” são fraseologismos que, fora do discurso, resistem a uma classificação geral; citemos, por exemplo, *adeus minhas encomendas* (diz-se de caso perdido) e *agora é que são elas* (= aqui é que está a dificuldade). Por último, a categoria “construções gramaticais” corresponde aos fraseologismos que permitem estruturar o discurso; em gramática fala-se em locuções conjuntivas e prepositivas. Não entraram no *corpus* provérbios e outros fraseologismos com valor de texto, porque seu funcionamento discursivo e pragmático é sensivelmente diferente das categorias anteriormente expostas.

Recorrer a um provérbio, como *mais vale um pássaro na mão que dois voando*, por exemplo, ou a uma expressão, como *entregara a alma a Deus*, implica dois tipos de motivação diferente. No caso do provérbio, o falante recorre a um texto já pronto para veicular uma verdade geral pertinente para um dado contexto de comunicação; já no caso de *entregar a alma a Deus*, a motivação é outra, o falante não quer recorrer a “morrer”, talvez para poupar o interlocutor. Assim, se um falante se serve de fraseologismos do tipo “expressão” ou “sintagma”, que predominam largamente em nosso *corpus*, para exprimir um fato dado, há motivação, isto é, ele se exprime de uma maneira estilisticamente marcada. Esta é a proposta de trabalho aqui adotada. Ela se vê corroborada pela consulta de alguns fraseologismos em dicionário: *engolir sapos* significa “suportar coisas desagradáveis sem revidar, por impotência ou conveniência” (*Aurélio*); *a meia guampa* “meio bêbado” (*Michaelis*) e *barra pesada* “pessoa suspeita” ou “situação desfavorável” (*Michaelis*). Observa-se que o uso desses fraseologismos significa se exprimir num registro informal; no entanto, outros têm, por exemplo, proveniência literária (*tempestade em copo de água*) ou bíblica (*tempos de vacas gordas*) e oferecem, igualmente, a possibilidade de exprimir-se em nível estilisticamente marcado.

Formal ou informal, para veicular um significado, o fraseologismo se constrói com unidades lexicais. Essas últimas são entidades já constituídas nas línguas e, quando um fraseologismo aparece num idioma, ele, de certo modo, herda o “conteúdo cultural” das unidades lexicais, isto é, o fraseologismo se constrói com semas inerentes e/ou aferentes das unidades lexicais. O português pode recorrer a “sapo” para formar *engolir sapos*, porque esse anfíbio não goza de simpatia particular da parte dos falantes lusófonos.

Sendo assim, estabeleceremos 1) um levantamento numérico das unidades lexicais empregadas em fraseologismos, incluindo uma análise de seu emprego e terminaremos com uma reflexão sobre 2) aspectos culturais em fraseologismos.

1. LEVANTAMENTO NUMÉRICO DAS UNIDADES LEXICAIS

Um levantamento das diferentes palavras constituindo os 9 mil fraseologismos dá um resultado bastante parecido com a lista das 3 mil palavras mais frequentes do banco do português, publicado em Sardinha (2004, p. 351). Em ambas as listas predominam as palavras, ou, mais exatamente, as formas gráficas, que servem à estruturação do texto: *de, a, o, e, em, no, que* etc. O nosso *corpus* se constitui de 4.340 formas gráficas (*token*) diferentes e, em termos de frequência, a preposição *de* ocupa o cume da lista com 1.933 ocorrências. Do outro lado, no *sopé*, encontram-se 2.090 palavras atestadas uma única vez; outras 1.180 palavras estão presentes apenas de duas a dez vezes no máximo. Contrariamente ao banco do português, em nosso *corpus* encontram-se, com frequência relativamente elevada, verbos no infinitivo; mas esse fato não há de surpreender, já que o *corpus* foi constituído a partir de ocorrências lematizadas.

Consideramos aqui a língua como um produto cultural, uma instituição social segundo Saussure, que, por seu lado, reflete a cultura dos falantes. Quando os fraseologismos aparecem na fala, são culturalmente marcados, antes de tudo, pela escolha, consciente ou não, de unidades lexicais que permitem chegar a um referente extralinguístico. Assim, essas palavras representam na língua traços culturais extralinguísticos. Por essa razão, passamos a inventariar os 33 verbos e 33 substantivos mais frequentes nos fraseologismos. É interessante mencionar que o levantamento numérico dos adjetivos qualificativos não deu resultado significativo, como mostra a lista dos 8 adjetivos mais frequentes.

- **Adjetivos:** *bom, ~a, ~ns, ~as* (106 ocorrências); *mau, ~s, má, ~s* (56); *último, ~a, ~as* (34); *duro, ~a, ~as* (32); *melhor* (25); *alto, ~s* (24); *limpo, ~a, ~os, ~as* (23); *grande, ~s* (22).
 Observa-se que certos adjetivos não aparecem em todas as formas flexionais possíveis e que a quantificação pode mesmo ser superestimada, porque foi estabelecida a partir de uma lista alfabética não contextualizada. Assim, as unidades lexicais em negrita em *do bom e do melhor* foram contabilizadas como adjetivos, e não como substantivos.
- **Formas verbais:** *dar* (558 ocorrências); *ter* (474); *estar* (387); *ser* (348); *fazer* (345); *pôr* (171); *tirar* (150); *ficar* (142); *ir* (141); *tomar* (130); *passar* (125); *cair* (114); *levar* (113); *andar* (101); *meter* (101); *abrir* (86); *bater* (80); *sair* (63); *falar* (62); *é* (61); *perder* (60); *viver* (60); *vir* (58); *comer* (55); *dizer* (55); *ver* (55); *deitar* (53); *botar* (48); *trazer* (48); *entrar* (46); *saber* (46); *deixar* (45); *pegar* (43).
- **Substantivos:** *mão, ~s* (262 ocorrências); *olho, ~s* (164); *pé, ~s* (134); *água, ~s* (113); *cabeça* (85); *vida* (84); *cara* (82); *mundo, ~s* (78); *boca* (73); *dia, ~s* (59); *tempo, ~s* (57); *fogo, ~s* (56); *palavra, ~s* (55); *pau, ~s* (54); *hora, ~s* (54); *vista* (53); *diabo* (51); *coração* (51); *passo, ~s* (50); *coisa, ~s* (14); *porta, ~s* (48); *língua* (48); *ar, ~es* (47);

conta (47); *ponto*, ~s (46); *perna*, ~as (46); *razão*, ~ões (43); *peito*, ~s (40); *sangue* (39); *caminho*, ~s (36); *terra*, ~s (34); *morte* (33); *alma*, ~s (33); *pedra*, ~s (32); *ponta*, ~s (32); *Deus* (29); *corpo* (28); *rabo* (27).

Nota-se que certos substantivos aparecem apenas no singular.

Um comentário a propósito dessas listas é necessário. Quanto aos verbos, constatamos que aqueles que exprimem um processo ou estado relativamente preciso ou restrito, têm baixa frequência numérica. Já os verbos de estado encontram-se com abundância, só os verbos *estar* e *ser* (inclusive *é*) somam 796 ocorrências. Se, semanticamente, é importante exprimir a permanência de um estado (VILELA, 2001), outros verbos, tradicionalmente não considerados como verbos de estado, também fornecem ocorrências. O verbo “fazer”, por exemplo, aparece, entre outros, nos fraseologismos:

- 1) *fazer caixinha* (guardar segredo);
- 2) *fazer conta que* (fingir, simular);
- 3) *fazer cruz na boca* (não ter que comer);
- 4) *fazer farinha com* (viver em boa harmonia com),
- 5) *fazer gênero* (fingir ser o que não é [gír.]);
- 6) *fazer pão grande* (viver na indolência, na ociosidade [pop.]);
- 7) *fazer papel de bobo* (ser a vítima de algo);
- 8) *fazer parte de* (ser um dos elementos ou figurantes de);
- 9) *fazer quarentena* (estar de quarentena);
- 10) *fazer vida com* (conviver);
- 11) *fazer vida de casados* (viver maritalmente); e
- 12) *fazer vida santa* (viver sem alimentar-se).

Nesses casos o verbo não serve estritamente para exprimir uma ação, mas para apresentar um estado permanente (particularmente em 4, 6, 8, 10, 11 e 12). Em casos como 1 ou 9, o estado apresentado pode ser mais ou menos permanente. Em 2 e 5, a “ação” de fingir serve para apresentar um estado fictício. Já em 3), a interpretação semântica se averigua mais delicada. A leitura literal do fraseologismo representa um gesto que serve para exprimir o significado do fraseologismo /estar com fome/. Em outras palavras, uma frase que apresenta uma ação pode-se tornar um fraseologismo e designar um estado. Observações parecidas podem ser feitas a propósito de numerosos fraseologismos construídos a partir dos verbos acima citados. Assim há no *corpus* 11 verbos começando por “andar com”, que exprimem igualmente um estado, como *andar com as mãos nas algibeiras* (que significa /estar ocioso/). Fraseologismos como *ir andando* (que significa /estar nem muito bem nem muito mal/), *passar bem/mal* (/não gozar de boa saúde/) ou *cair bem* (/ser bem-aceito, agradecer/) descrevem também um estado.

Um estudo mais detalhado pode indicar outros conjuntos de verbos exprimindo aspectos durativos, repetitivos etc., mas, em termos quantitativos, não se trataria mais de

conjuntos significativos. Entre os fraseologismos com verbos a serem atualizados em situação de discurso, predominam claramente aqueles que exprimem um estado. A outra constante é a presença de muitos fraseologismos construídos com verbos de sentido muito amplo, como *dar*, *pôr*, *tomar* ou *dizer*. Entre esses, observamos duas constantes:

- 1) o verbo se vê esvaziado do conteúdo semântico usual para formar com seu complemento um significado global correspondendo a um verbo pleno;
- 2) o verbo de sentido amplo se emprega no lugar de um verbo mais específico.

O caso mencionado em 1 corresponde evidentemente àquilo que se chama convencionalmente uma construção com verbo suporte, como se vê nos exemplos a seguir:

- 13) *dar a bênção* (abençoar);
- 14) *dar um passeio* (passear);
- 15) *pôr em dúvida* (duvidar);
- 16) *pôr em evidência* (evidenciar);
- 17) *tomar ânimo* (animar-se);
- 18) *tomar repouso* (repousar).

Uma explicação plausível para esses fraseologismos é que eles permitem ao falante recorrer a construções menos formais que o correspondente de verbo pleno. No entanto, esse argumento, frequentemente válido, não pode ser aplicado de maneira indistinta: *pôr cornos em* parece tão familiar como “cornear”; *pôr a funcionar* não corresponde a “funcionar”, mas a *fazer funcionar*.

Os exemplos correspondendo a 2 apontam uma realidade mais heteróclita. Primeiramente, há ocorrências em que o verbo e seu complemento formam blocos semânticos sem que haja um verbo simples correspondente. *Dar fé a* significa “acreditar em”, mas o verbo “*fear” não existe; *dar adeus a* não significa “*adeusar”, mas “saudar a distância”; *tomar corpo* poderia corresponder a um verbo “*corpear”, se existisse, mas o verbo mais específico é “crescer” ou “aumentar”. Pode-se ver, nos exemplos citados, um funcionamento semântico-sintático bastante parecido com aquele observável nas construções com verbos-suporte, já que um verbo simples correspondente, ao menos, é imaginável.

Em seguida, pode-se observar a existência de numerosos fraseologismos em que não existem, nos complementos, elementos possibilitando uma derivação do tipo “repouso > repousar” (cf. ex. 18), para chegar a um verbo mais específico, como nos exemplos:

- 19) *dar um osso a roer* (subornar alguém);
- 20) *dar uma banana* (fazer um gesto obsceno com o antebraço);
- 21) *pôr a pão e a água* (castigar alguém);
- 22) *pôr nas mãos de* (confiar, entregar a);
- 23) *tomar as rédeas* (assumir a direção, governar).

À primeira vista, os exemplos citados podem ser interpretados como idiomatismos, no sentido de que a leitura literal desses fraseologismos não permite chegar a seu significado. Assim, em relação a 23), não se obtém o sentido de “assumir a direção, governar” adicionando os significados habituais de *assumir* e de *rédeas*. Observações parecidas são possíveis a propósito de todos os fraseologismos citados do conjunto 19 a 23, mas é mais pertinente notar que todos foram construídos a partir de fatos e gestos provindo da realidade extralinguística. Pouco importa, em nosso caso, uma especificação das figuras retóricas empregadas num dado fraseologismo, ou apenas numa parte deste, o que importa é enfatizar o maior grau de culturalidade do fraseologismo em comparação com uma construção linguística livre qualquer. De fato, a aparição de um idiomatismo está, no início, sempre ligada a um ato de fala individual. Seu sucesso na comunidade linguística é imprescindível para se tornar um fraseologismo consagrado, para passar da fala para a língua. Em resumo, estamos confrontados a um processo assimilável à gramaticalização (MARCHELLO-NIZIA, 2006) e nos deparamos com dois caminhos: um que nos leva à linguística histórica e nos permite analisar a correlação entre *língua* e *fala* e outro que nos leva a uma reflexão de ordem cultural e permite interrogar-nos sobre a *weltanschauung* presente nos fraseologismos. Priorizamos, no presente trabalho, o segundo, sem esquecer a importância do primeiro para apreender o funcionamento da fraseologia.

2. ASPECTOS CULTURAIS EM FRASEOLOGISMOS

Sem dúvida seria um procedimento interessante fixar temas culturais e investigar como eles aparecem nos fraseologismos. Em outras ocasiões eles eram nossa escolha e notamos que as circunstâncias graves da existência aparecem com maior facilidade em fraseologismos que os aspectos agradáveis, tanto em língua portuguesa como em língua francesa. Assim, em nosso *corpus* de fraseologismos portugueses temos 89 fraseologismos significando /morrer/ e apenas 6 para /nacer/. Da mesma maneira, analisar fraseologismos que se exprimem a propósito do casamento, da miséria ou da sexualidade permitiria revelar, ao menos em parte, como a sociedade brasileira ou mesmo ocidental conceitualiza esses temas.

Privilegiamos agora o caminho inverso, mostrando que a escolha de unidades lexicais para formar fraseologismos é igualmente pertinente em nível cultural. Como já foi dito, damos ênfases aos fraseologismos estilisticamente marcados que se opõem a uma maneira não marcada de se exprimir (*vestir o pijama de madeira* vs. *falecer*). Desse modo é legítimo perguntar-se o que motiva o uso da unidade lexical “laranja” em *ficar a pão e laranja* (= ficar na miséria) ou, em francês, *apporter des oranges à quelqu'un* (levar laranjas para alguém = visitar alguém que está na cadeia ou hospitalizado). Em ambos os casos, “laranja” se emprega no seu sentido primeiro, comum, que é “fruto comestível”, mas as duas comunidades linguísticas não atualizam os mesmos traços semânticos aferentes nos respectivos fraseologismos. De fato, se o brasileiro pode perceber a laranja como um alimento comum, ainda acessível aos pobres, o francês vê nesse fruto um alimento que sai

nitidamente do ordinário, que caracteriza, ao menos no imaginário coletivo, a comida servida em hospitais ou em prisões. Exemplos parecidos seriam possíveis e interessantes para ilustrar diferenças culturais entre comunidades linguísticas. Seria um aspecto particularmente importante no ensino de línguas estrangeiras, para mostrar, por exemplo, como a visão cultural pode variar em relação a um mesmo objeto, mesmo que essas palavras correspondentes nas línguas tratadas tenham os mesmos semas inerentes. Quanto à construção semântica dos fraseologismos, podemos observar duas polaridades entre as quais não há descontinuidade:

- 1) o fraseologismo como signo linguístico em si; e
- 2) o fraseologismo representante linguístico de outro código.

2.1 O fraseologismo como signo linguístico em si

Ao consultar a lista dos substantivos empregados com maior frequência, observa-se uma predominância clara de unidades lexicais que designam partes do corpo, como, por exemplo, “mão”, “olho” ou “pé” (cf. lista supra), mas encontram-se, nessa lista, igualmente unidades como “água”, “vida” ou “dia”. No banco do português, esses substantivos aparecem com frequência relativamente menos elevada que outros substantivos. Isso nos mostra que a formação de fraseologismos se faz frequentemente com unidades lexicais que tocam de perto a existência humana: sem *água* não há *vida* e os *dias* ritmam a nossa existência.

No tocante às unidades lexicais designando uma parte do corpo, nota-se que, empregadas em fraseologismos, predomina nitidamente o sentido primeiro, concreto. Além disso, observa-se ainda que, para entender o fraseologismo, devem ser atualizados primordialmente os semas inerentes. É o que se vê em *dar a mão a* (ajudar, auxiliar), *lançar mão de* (servir-se de, utilizar-se de) ou *fechar os olhos de* (assistir à morte de), por exemplo. Há, evidentemente, também fraseologismos em que a unidade lexical designando uma parte do corpo é empregada por causa dos traços semânticos aferentes. Nota-se esse fato em relação a “cabeça”, unidade lexical mais rica em interpretações culturais que “mão”, por exemplo. Em *abaixar/levantar a cabeça* (resignar-se/reconquistar posição) ou *usar a cabeça* (proceder com inteligência), a unidade “cabeça” é empregada no seu sentido primeiro ou habitual (crânio + face + cérebro), mas os traços inerentes não são pertinentes para o entendimento do fraseologismo e, no caso de *usar a cabeça*, até se pode perguntar se estamos ainda confrontados à aferência (cabeça = sede do pensamento, das percepções) ou se já se trata de uma metonímia (cabeça = cérebro). Mas até que ponto se pode falar em aferência? A partir de que momento um sentido novo se constituiu? Trata-se, com certeza, de uma evolução cultural. Em *sem pé nem cabeça* (despropositado, disparatado), são possíveis duas estratégias para explicar a presença desses substantivos. “Pé” e “cabeça” são partes do corpo humano e o fato de o falante saber que essas partes se encontram nas extremidades opostas do corpo corresponde a uma explicação. A outra consiste em apreciar

que “pé” serve para designar a parte inferior de várias entidades e que “cabeça” serve para designar a parte superior de qualquer objeto.

Em outros casos a acepção empregada de uma unidade lexical dada é facilmente isolável, mas a distinção entre sentido primeiro, extensão ou metonímia, por exemplo, não se averigua mais pertinente, ao menos para o entendimento do fraseologismo. Essa realidade se observa em *cair na boca do mundo* (tornar-se objeto de maledicência), *dever a Deus e a todo mundo* (dever a muita gente), *correr mundo* (viajar) ou *deixar o mundo* (morrer). Nos exemplos citados, assim como na grande maioria dos outros 74 fraseologismos contendo a unidade lexical “mundo”, essa palavra serve simplesmente para designar, de maneira vaga, um lugar mais ou menos preciso ou uma população qualquer.

Portanto, os substantivos podem entrar na construção de um fraseologismo por causa de seu sentido primeiro, usual, ou de um sentido figurado; eles podem atualizar preferencialmente os semas aferentes ou os semas inerentes, mas sempre constituem apenas uma parte de um fraseologismo dado. O fraseologismo, por seu lado, pode ser transparente, isto é, exigir uma leitura literal e linear, ou ser opaco, isto é, exigir uma leitura idiomática, como em *fechar os olhos*, em que o significado /morrer/ não é obtido pela simples adição dos significados usuais de “fechar” e de “olhos”. No entanto, o fraseologismo, como signo linguístico, é menos arbitrário que uma palavra. Se um falante não percebe uma relação entre as unidades lexicais de um fraseologismo e seu significado, ele pode proceder a uma reinterpretação, como em *faca de dois gumes* transformado em *faca de dois legumes*. O fenômeno de reinterpretação se observa também no fraseologismo francês *faire long feu* (trad. lit.: fazer fogo comprido = /não dar certo/). O locutor contemporâneo não associa mais a palavra fogo às cargas das antigas armas de fogo e, pensando que um fogo deve durar, acrescenta a negação, *ne pas faire long feu*. Em todos esses casos, a criação de um fraseologismo e sua interpretação por um falante durante a fase em que ele se respalda numa comunidade linguística, ou seja, durante a fase em que um fraseologismo se constitui como elemento da língua, baseia-se numa interpretação cultural de suas unidades constituintes. Desse modo, unidades lexicais como “mão”, “pé” ou “olho” são interpretados como partes do corpo exercendo uma função específica. A mão é um instrumento para agir em *bofetada sem mão* (insulto verbal), *comer milho na mão e beber água em balde* (ser bem tratado), *fazer mão baixa em* (rapinar, furtar) ou *pôr a mão em* (tocar ou mexer em). Os pés não servem apenas para exprimir “andar”, como em *botar o pé no caminho* (iniciar uma viagem), *entrar com o pé direito* (obter êxito numa empresa) e *ter pé* (ter capacidade de andar muito), mas também, entre outros, para designar um estado, como em *em pé de guerra* (estado de tensão) ou *terra dos pés juntos* (cemitério). “Olho” também entra frequentemente nos fraseologismos com seu significado de “instrumento da visão” e serve com abundância para exprimir a ideia de vigiar ou de olhar com atenção. Observa-se esse fato em fraseologismos como *abrir o olho* (observar, ter cautela), *botar o olho grande em* (cobiçar, invejar), *ter de olho* (não desviar de alguém a atenção) ou *lançar poeira aos olhos de* (enganar, iludir).

2.2 O fraseologismo: representante de outro código

O paralelismo entre leitura literal e sentido figurado dos fraseologismos é um fato corriqueiro quando há presença de unidades lexicais designando uma parte do corpo humano, como se viu nos exemplos acima citados. Uma explicação possível a esse fato é a de que um falante de uma comunidade linguística recorre com facilidade a palavras designando realidades de seu ambiente imediato para formar fraseologismos, facilitando assim a interpretação deles, tratando-se de um ambiente compartilhado. A realidade extralinguística está, nesses exemplos, numa relação bastante estreita com o código linguístico; mas em outros fraseologismos, igualmente construídos com unidades lexicais designando partes do corpo humano, há outro código que se interpõe entre a realidade extralinguística e o código linguístico. Fala-se agora dos fraseologismos que Burger (1998, p. 44) denomina com o termo de cinegrama (*Kinegramm*), ou seja, fraseologismos que representam um comportamento não-verbal. Os seguintes fraseologismos são exemplos de cinegramas contendo as unidades lexicais “mão”, “olho”, “pé” e “cabeça”:

- 24) *botar as mãos na cabeça* (expressar contrariedade ou desespero);
- 25) *dar as mãos à palmatória* (confessar erro);
- 26) *levantar as mãos ao céu* (agradecer a Deus um benefício);
- 27) *baixar os olhos* (expressar vergonha);
- 28) *levantar os olhos ao céu* (implorar auxílio divino);
- 29) *bater o pé* (mostrar-se insubmisso);
- 30) *cair aos pés* (humilhar-se, prostrar-se);
- 31) *abaixar/levantar a cabeça* (resignar-se/reconquistar posição);
- 32) *bater com a cabeça contra as paredes* (cometer desatinos);
- 33) *sair de cabeça erguida* (sair com a reputação preservada).

Certos desses fraseologismos, como o 24, 29 ou 32, por exemplo, não correspondem mais a gestos de uso frequente na nossa sociedade, mas isso a rigor não é importante. De fato, o que importa é que o gesto linguisticamente apresentado seja compreensível pelos interlocutores. Há, portanto, copresença de dois códigos: no plano semiótico o falante deve ter o conhecimento cultural requerido para interpretar o comportamento não-verbal apresentado, para que, no plano linguístico, ele possa interpretar o significado dos fraseologismos 24 a 33.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos fraseologismos aqui adotada, evitamos empregar os termos de onomasiologia e semasiologia. Embora em certos casos se possa dizer que a análise passou do conceito para a forma linguística e vice-versa, para nós a importância reside noutro aspecto. Culturalmente é bastante significativo que unidades lexicais designando partes

do corpo ou conceitos/realidades quotidianos predominam nitidamente nos fraseologismos, principalmente naqueles dos tipos expressão e sintagma. Esse fato mostra claramente onde, primordialmente, o imaginário coletivo busca sua inspiração para criar novos fraseologismos, para exprimir-se de maneira marcada. Sem dispor de *corpora* comparáveis para outras línguas, acreditamos que esse funcionamento é bastante universal. Ao menos, a consulta de verbetes como *hand*, *fuss*, *main* ou *pied* em dicionários alemães e franceses mostra que essas línguas dispõem igualmente de uma grande quantidade de fraseologismos contendo as referidas unidades lexicais. A fraseologia como disciplina linguística abre assim perspectivas interessantes para a linguística histórica no que diz respeito à articulação entre *língua* e *fala*.

Talvez de maneira mais clara que a língua em geral, a fraseologia mostra que a língua é um código que está em relação estreita com outros códigos. Essa observação tem importância particular na aprendizagem de uma língua (materna ou estrangeira), em outras palavras, não se aprende apenas uma língua, aprende-se igualmente um código cultural. O falante nativo tem a vantagem de estar exposto de maneira “natural” à aprendizagem de sua língua e cultura, enquanto, ao estudar uma língua estrangeira, o falante precisa frequentemente de explicações explícitas de ordem cultural para entender o conteúdo linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, C. (1951) *Traité de stylistique française*, 3ª ed. Paris: Klincksieck.
- BURGER, H. (1998) *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- FERREIRA, A. B. de H. (1986) *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GONZALEZ REY, I. (2002) *La phraséologie du français*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- HOUAISS, A. ; SALLES VILAR, M. de (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- MARCHELLO-NIZIA, C. (2006) *Grammaticalisation et changement linguistique*. Bruxelles: De Boeck.
- RASTIER, F. ; BOUQUET, S. (orgs.) (2002) *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: Presses Universitaires de France.
- STREHLER, R. G. (2003) Fraseologismos e sinonímia. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 42, p. 145-156.
- SARDINHA, T. B. (2004) *Linguística de corpus*. Barueri: Editora Manole.
- VILELA, M. (2001) *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina.

- WEISZFLOG, W. (ed.) (1998) *Michaelis — Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- WELKER, H. A. (2004) *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus.
- ZINGLE, H. (2003) *Dictionnaire combinatoire unilingue français*. Paris: La Maison du Dictionnaire.
- ZULUAGA, A. (1980) *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a. M.: Peter D. Lang.

ANEXO

OS SUBSTANTIVOS E OS VERBOS MAIS FREQUENTES EM FRASEOLOGISMOS

Substantivos

mão (176)/mãos (86)
 olhos (101)/olho (63)
 pé (91)/pés (43)
 água (102)
 cabeça (85)
 vida (84)
 cara (82)
 mundo (74)/mundos (4)
 boca (73)
 dia (49)/dias (10)
 fogo (53)/fogos (3)
 tempo (55)
 palavra (41)/palavras (14)
 pau (49)/paus (5)
 hora (39)/horas (15)
 vista (53)
 coração (51)
 diabo (51)
 passo (32)/passos (18)
 coisa (37)/coisas (14)
 porta (40)/portas (8)
 língua (48)
 conta (47)
 ar (30)/ares (17)
 ponto (43)/pontos (3)
 pernas (29)/perna (17)
 razão (36)/razões (7)
 peito (32)/peitos (8)
 sangue (39)
 caminho (35)/caminhos (1)
 terra (32)/terras (2)
 morte (33)
 alma (31)/almas (2)
 pedra (28)/pedras (4)
 ponta (24)/pontas (8)
 costas (27)/costa (4)

Verbos

dar (558)
 ter (474)
 estar (387)
 ser (348)
 fazer (345)
 pôr (171)
 tirar (150)
 ficar (142)
 ir (141)
 tomar (130)
 passar (125)
 cair (114)
 levar (113)
 andar (101)
 meter (101)
 abrir (86)
 bater (80)
 sair (63)
 falar (62)
 é (61)
 perder (60)
 viver (60)
 vir (58)
 comer (55)
 dizer (55)
 ver (55)
 deitar (53)
 botar (48)
 trazer (48)
 entrar (46)
 saber (46)
 deixar (45)
 pegar (43)
 levantar (40)
 cortar (32)
 cortar (32)

pele (30)
Deus (29)
corpo (28)
rabo (27)
bola (26)

mandar (32)
quebrar (32)
virar (32)
correr (31)
tocar (31)
voltar (30)